

# ETNOGRAFIA DE TELA: UMA METODOLOGIA POTENTE PARA PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

## SCREEN ETHNOGRAPHY: A POWERFUL METHODOLOGY FOR EDUCATIONAL RESEARCH

## ETNOGRAFÍA DE PANTALLA: UNA METODOLOGÍA POTENTE PARA PESQUISAS EN EDUCACIÓN

Patrícia Dyonisio de Carvalho<sup>1</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Rayane Ancelmo Leal<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Maria Cláudia Dal'Igna<sup>3</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

---

### Resumo

Este artigo apresenta parte da discussão teórico-metodológica realizada em duas teses de doutorado, desenvolvidas em um Programa de Pós-Graduação em Educação, no Sul do Brasil, articuladas a um projeto e a uma agenda de pesquisa mais abrangente, que tem se ocupado em pensar a profissionalidade docente na contemporaneidade, desde os Estudos em Docência, os Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e os Estudos Foucaultianos. Desde essas perspectivas, discute-se a metodologia denominada de etnografia de tela. Defende-se que ela é potente para a problematização de artefatos culturais contemporâneos, tais como séries de *streaming* e de TV, tornando-se relevante para investigações sobre o tempo presente. Através da imersão no campo, dos registros em diário, do agrupamento e reagrupamento das cenas, do desenvolvimento das análises e da decupagem das cenas, sustenta-se que a etnografia de tela serve a exercícios teórico-metodológicos interessados em multiplicar os sentidos veiculados nessas produções. Argumenta-se que o passo a passo sugerido torna possível a multiplicação dos modos de descrever o que é assistido, condição que interessa à pesquisadora ou ao pesquisador no que se refere à produção das pesquisas em Educação.

**Palavras-chave:** etnografia de tela; artefatos culturais; série de *streaming*; série de TV.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora de História da rede municipal de Sapucaia do Sul. [patriciadyonisio@gmail.com](mailto:patriciadyonisio@gmail.com). <http://lattes.cnpq.br/5256235507812753>. <https://orcid.org/0009-0003-6106-9618>.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora de Língua Espanhola na rede estadual do Rio Grande do Sul e Plural Cursos. [rayane filo1@gmail.com](mailto:rayane filo1@gmail.com). <http://lattes.cnpq.br/3114113957963144>. <https://orcid.org/0000-0003-2469-0651>.

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Coordenadora do Lola – Grupo de Pesquisa em Trabalho Docente, Gênero e Sexualidade (Unisinos/PPGEdu/CNPq). [mcdaligna@hotmail.com](mailto:mcdaligna@hotmail.com). <http://lattes.cnpq.br/9564879599544686>. <https://orcid.org/0000-0002-0566-9606>.

## Abstract

This article presents part of the theoretical-methodological discussion carried out in two doctoral theses developed in a Postgraduate Program in Education in southern Brazil, linked to a project and a broader research agenda that has been concerned with thinking about teaching professionalism in contemporary times, from Studies in Teaching, Post-Structuralist Gender Studies and Foucauldian Studies. From these perspectives, the methodology known as screen ethnography is discussed. It is argued that it is powerful for problematizing contemporary cultural artifacts, such as streaming and TV series, making it relevant to education research. Through immersion in the field, diary entries, the grouping and regrouping of scenes, the development of analysis and the decoupage of scenes, the productivity of screen ethnography is supported for theoretical-methodological exercises interested in multiplying meanings about cultural artifacts. It is argued that the suggested step-by-step approach, in addition to the movement of watching and re-watching each scene several times and in different ways, makes it possible to multiply the ways of describing what is watched, a condition that allows the researcher to use the methodology to produce their analysis.

**Keywords:** Screen ethnography; cultural artifacts; streaming series; TV series.

## Resumen

Este artículo presenta parte del debate teórico-metodológico realizado en dos tesis de doctorado desarrolladas en un Programa de Postgrado en Educación, en el sur de Brasil, articuladas a un proyecto y a una agenda de pesquisa más amplia que se ocupa en pensar la profesionalidad docente en la contemporaneidad, desde los Estudios en Docencia, los Estudios de Género Postestructuralistas y los Estudios Foucaultianos. Desde esas perspectivas, se discute la metodología denominada de “etnografía de pantalla”. Se defiende que ella es potente para la problematización de artefactos culturales contemporáneos, tales como series de *streaming* y de tele, convirtiéndose relevante para las pesquisas en Educación. A través de la inmersión en el campo, de los registros en diario, de las agrupaciones y reagrupaciones de las escenas, del desarrollo de los análisis y del decoupage de las escenas, se sostiene la productividad de la “etnografía de pantalla” para ejercicios teórico-metodológicos interesados en multiplicar los sentidos sobre los artefactos de la cultura. Se argumenta que el paso a paso sugerido, además del propio movimiento de mirar y volver a mirar cada escena diversas veces y de distintos modos, lo hace posible la multiplicación de los modos de describir lo que es visto, condición que interesa a la investigadora o al investigador en relación a la producción de las pesquisas en Educación.

**Palabras-clave:** Etnografía de pantalla; artefactos culturales; serie de *streaming*; serie de televisión.

## INTRODUÇÃO: DAR O PLAY

Ponderávamos mistérios. O meu avô dizia que as evidências eram todas sustentadas por mistérios. Criava jogos para inventarmos perguntas só para ver se todas as perguntas teriam uma solução. As mais absurdas talvez estejam adiadas, só o futuro lhes saberá responder. Inventar perguntas é aprender.

(Mãe, 2019, p. 14)

É a partir da relação entre o menino e o seu avô que Valter Hugo Mãe (2019) nos convida a olhar para o mundo como um espaço para a elaboração de diferentes perguntas, um espaço no qual as chamadas evidências são sustentadas por mistérios. O diálogo com a obra de Mãe pode ser potente para pensarmos sobre o processo de elaboração de uma pesquisa, visto que as perguntas que elaboramos nos permitem produzir e interrogar o nosso material empírico de diferentes formas.



Neste artigo, buscamos convidar pesquisadoras e pesquisadores a apostarem na etnografia de tela como uma potente metodologia para a produção da empiria de pesquisas em Educação. Para tanto, apresentamos os modos como aprendemos a mobilizar esse método, respondendo ao seguinte questionamento: *O que pode significar unir a etnografia à tela? Como é possível produzir um material empírico na área da Educação a partir da metodologia da etnografia de tela? O que pode a etnografia de tela?*

Respondemos a essas questões neste artigo, considerando que o termo *etnografia de tela* foi cunhado por Carmen Rial (2005)<sup>4</sup> e consiste no emprego de procedimentos antropológicos nos estudos sobre mídia (na comunicação e no cinema, mais diretamente). Esta metodologia articula as duas áreas, produzindo um processo de análise que vai desde a observação sistemática e diversificada e o registro em caderno de campo – próprios da antropologia – ao estudo dos planos, dos movimentos da câmera, de como o filme e/ou a série foi montada, entre outros aspectos vinculados à linguagem cinematográfica – próprios do cinema.

Este artigo faz parte de uma agenda de pesquisa mais ampla que investiga trabalho docente, gênero e sexualidade. Entre outros, compõem essa agenda trabalhos que se ocupam de problematizar sentidos sobre a generificação da docência produzidas e veiculada em tecnologias visuais<sup>5</sup>.

Neste contexto de produção de conhecimento é que as três teses, que nos permitem apontar a etnografia de tela como potente metodologia para as pesquisas em Educação, foram produzidas: “Trabalho docente e gênero: olhares sobre a série *Rita*”, de Patrícia Carvalho (2025); “O aluno pode desistir da escola, mas eu não desisto dele: problematizações sobre trabalho docente e EJA na série *Segunda Chamada*”, de Rayane Leal (2025); e “*Entre os muros da escola: gênero e docência na constituição de uma pedagogia de afeto*”, de Éderson da Cruz (2019).

O artigo está organizado em cinco partes: a presente introdução; uma seção apresentando o campo teórico no qual a etnografia de tela se insere; uma terceira parte na qual realizamos uma revisão de literatura das pesquisas que desenvolvem a metodologia;

<sup>4</sup> Adotamos o uso do nome e sobrenome do autor e da autora – quando este/a é citado/a pela primeira vez no corpo do texto – para visibilizar mulheres e homens a quem nos referimos. Tanto a grafia o/a quanto essa opção são políticas e decorrem da nossa inserção no campo dos Estudos de Gênero.

<sup>5</sup> Ver mais em *Trabalho docente nas tecnologias visuais: uma pesquisa-formação no contexto da Educação 4.0 e da pandemia* (Dal'igna, 2021) e *A produção de sentidos sobre afeto, amor e cuidado na formação inicial docente sob a perspectiva de gênero*. Essas pesquisas são desenvolvidas no âmbito do Lola – Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Trabalho Docente, Gênero e Sexualidade, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Cláudia Dal'igna e da Profa. Dra. Catharina Silveira (SMED/Porto Alegre).



uma quarta seção, que descreve como mobilizamos a metodologia da etnografia de tela em nossas pesquisas; e, por fim, as considerações finais, nas quais retomamos algumas das principais questões desenvolvidas no artigo.

## EPISÓDIO I: ETNOGRAFIA DE TELA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

Neste texto, nos vinculamos a perspectivas teóricas que rejeitam as tendências universalizantes e binárias (Peters, 2000). Discutimos a metodologia da etnografia de tela, vinculando-nos aos estudos que, desde o campo da Educação, reconhecem outros espaços como pedagógicos. Deste modo, assumimos que há formação dentro e fora da sala de aula, o que abre possibilidades para pensar em outras perguntas e perspectivas teórico-metodológicas de pesquisas na área da Educação, que buscam recusar a universalidade das asserções de verdade no e sobre o contexto educacional.

Nestes estudos, há uma centralidade na linguagem, no sentido de que “não se trata de dizer, simplesmente, que a linguagem que usamos reflete nosso modo de conhecer, e, sim, de admitir que ela faz muito mais do que isso, que institui um jeito de conhecer” (Louro, 2007, p. 236). Ainda nesta direção, Dagmar Meyer (2021) pondera que há uma estreita relação entre linguagem, cultura, verdade e poder, o que nos ensina a pensar que produzimos efeitos quando descrevemos, de um modo ou de outros, as “realidades” apresentadas pelas séries que assistimos.

Assim, se ao nomearmos, acabamos por atribuir sentidos ao mundo que conhecemos, quais são as realidades que estão sendo produzidas e veiculadas em uma série de *streaming* e que podem ser tensionadas pela produção de conhecimento educacional? O que é possível aprender sobre docência com um filme ou com uma série, por exemplo? Essas foram algumas das perguntas que formulamos ao longo da construção de nossas pesquisas e que foram nos ajudando a compreender que é produtivo analisar as redes sociais, plataformas de *streaming*, produções cinematográficas, *podcasts*, entre outros canais que fazem parte da rotina contemporânea dos sujeitos, de distintas idades e pertencas.

A etnografia de tela não é a única forma possível de produção de material empírico a partir de um artefato da cultura, mas, ao longo da construção de nossas pesquisas, ela foi se tornando uma metodologia através da qual produzimos condições de recortar as séries, isolar cenas, tensionar diálogos, enfim, problematizar o que nelas é veiculado.

Esses movimentos permitem-nos afirmar que um conjunto de diferentes procedimentos realizados com cada uma das cenas escolhidas possibilita à pesquisadora



e ao pesquisador construírem uma empiria potente, capaz de sustentar os movimentos analíticos empreendidos.

Na próxima seção, apresentamos algumas das pesquisas que nos auxiliaram a mobilizar um determinado modo de operar com a etnografia de tela.

## EPISÓDIO II: REVISÃO DE LITERATURA SOBRE ETNOGRAFIA DE TELA

Não somos as primeiras a utilizar a etnografia de tela para produzir e analisar empirias. Há diferentes pesquisas que se debruçam sobre a metodologia em questão. Elas foram fundamentais para que construíssemos e sustentássemos a forma como aqui apresentamos a etnografia de tela como um procedimento potente para o campo educacional, porque mostram que é possível produzir *corpus* analítico a partir de artefatos nos quais temas contemporâneos e urgentes à Educação têm sido discutidos.

Realizamos buscas nas bases de dados e repositórios acadêmicos do *Google Acadêmico*, CAPES, RBDU, LUME, CLACSO, CLAECE e SCIELO. A nossa intenção foi encontrar produções que dialogassem com nossas perspectivas teóricas e metodológicas, a fim de mapear de que forma a metodologia tem sido mobilizada na Educação, em articulação com o campo dos Estudos Culturais. Ao empenhar tal análise, visualizamos que o termo “etnografia de tela”, vinculado ao descritor “educação”, apresentou resultados de pesquisa que em sua maioria não possuía vínculo com a área da Educação, o que pode indicar a potência de produzir mais pesquisas que articulem a metodologia à área da Educação.

Assim, dos 12 trabalhos selecionados, optamos por destacar oito, a partir de dois principais critérios: trabalhos que mobilizam a metodologia da etnografia de tela de forma aprofundada e que tenham sido produzidos nos últimos dez anos, considerando que os estudos indicam que é nessa década que a etnografia de tela começa a ser experimentada no campo das pesquisas em Educação.

No artigo *Imagens, narrativas, culturas infantis em Abril despedaçado: tateando um modo de olhar*, Michele Vasconcelos, Marcos Melo e Roselusia Oliveira (2017) objetivam experimentar um modo de olhar e de narrar as infâncias a partir do filme *Abril despedaçado*. A forma como Patrícia Balestrin e Rosângela Soares (2012) trabalha com o procedimento metodológico da etnografia de tela é utilizada como inspiração para os autores realizarem a análise do filme em questão. Segundo eles, a metodologia possibilitou que fosse exercitada uma *ética da alteridade da infância*, através do exercício da desconfiança do que se sabe sobre as infâncias.



O artigo “Feminilidades e masculinidades na primeira temporada da série animada *Steven Universo*” (Xavier Filha e Nascimento, 2018) tem como objetivo realizar uma discussão e uma problematização das feminilidades e masculinidades apresentadas em *Steven Universo*. A etnografia de tela é o procedimento metodológico escolhido pelas autoras para descrever os seis episódios escolhidos. É interessante perceber que as autoras utilizam as pesquisas de Rial (2005) e Balestrin e Soares (2012) para embasar a escrita do seu artigo, entretanto, a forma como mobilizam a metodologia não é focada nas cenas, mas na descrição detalhada das personagens que aparecem nos trechos escolhidos e na sua posterior análise a partir das lentes teórico-metodológicas escolhidas.

Michele Vasconcelos, Rui Prates e Marcos Melo (2019) escrevem o artigo *Infância, cinema, lirismo: a poética do sonho de Wadjda*”, buscando pensar e tensionar certezas sobre infância e as relações de gênero. O filme saudita *O sonho de Wadjda* (2012) é mobilizado a partir da etnografia de tela, considerando especialmente a personagem principal – uma menina de dez anos – e as condições de produção do longa-metragem realizado por uma mulher – fato que é incomum no país por conta das leis islâmicas e, neste sentido, passa a ser importante para empreender uma análise do filme. As cenas foram escolhidas e os enquadramentos, planos, cenários, a iluminação e a apresentação dos personagens foram observadas, descritas e inspiradas na metodologia descrita por Balestrin e Soares (2012).

O artigo *Etnografia de tela e semiopragmática: um diálogo entre metodologias de análise fílmica* (Colins e Lima, 2020) tem como objetivo apresentar e comparar diferentes metodologias utilizadas para o trabalho com filmes, focando especialmente na etnografia de tela e na semiopragmática. O texto apresenta uma historicização do estudo de imagens em movimento, contextualizando, inclusive, o campo dos Estudos Culturais até a construção da proposta metodológica da etnografia de tela realizada por Rial (2005). Um dos aspectos salientados pelos autores é a relevância de considerarmos que a subjetividade dos pesquisadores está presente em ambas as metodologias.

O trabalho de conclusão de curso de Keila Gomes (2021) se propõe a refletir, através da etnografia de tela do filme *M8 – Quando a morte socorre a vida* (2019), sobre o racismo estrutural e o cumprimento da Lei n.º 10.639/2003 (Brasil, 2003). A autora também busca sustentação para a mobilização da metodologia na obra de Rial (2005), bem como nas reflexões sobre as diferentes metodologias de trabalho com a tela realizadas por Alfredo Colins e Morgana Lima (2020). Gomes (2021) apresenta, ao longo de seu trabalho, como realizou o procedimento metodológico, desde a construção de tabelas descrevendo





as cenas até as decupagens e a realização da análise das cenas escolhidas.

Alessandro Paulino, Carolina Alvarenga e Cláudia Ribeiro (2023) produzem o artigo *Projeto Flórida: (im)possibilidades para o devir criança*, através do qual objetivam refletir sobre a experiência da infância a partir da história de uma menina e de sua jovem mãe, personagens do filme *Projeto Flórida* (2017). Para isso, os autores elegem quatro cenas da obra cinematográfica para empreenderem a etnografia de tela, sustentadas pelos estudos de Patrícia Balestrin e Rosângela Soares (2012).

No artigo *Socialização e hibridismo cultural de meninas: uma etnografia de tela sobre o filme Mignonnes* (2020), os autores Sandro Santos e Rodrigo Saballa de Carvalho (2023) analisam o hibridismo cultural vivenciado por meninas em contextos migratórios a partir de uma etnografia de tela sobre o filme *Mignonnes*, da diretora franco-senegalesa Maimouna Doucouré. Na análise, os autores comentam que o processo de se tornar mulher, vivenciado pela protagonista do filme, ocorre em um entrelugar cultural, das tradições senegalesas com a hipersexualização ocidental das meninas/mulheres.

Essas pesquisas nos apresentaram pistas sobre como mobilizar a metodologia da etnografia de tela, entretanto, neste artigo, ainda nos debruçamos sobre outros trabalhos que foram produzidos em nosso próprio grupo de pesquisa ou em grupos parceiros para construir a sustentação deste artigo.

Na tese *O corpo rifado*, Patrícia Balestrin (2011) analisa o filme *O céu de Suely* (2006), a partir de sua personagem principal. Sustentada mais diretamente na teorização de Judith Butler, na relação com os estudos foucaultianos, a pesquisadora movimentou as suas análises a partir dos conceitos de gênero e de sexualidade. O material empírico é produzido a partir da etnografia de tela, permitindo à autora a construção de diferentes questionamentos ao “etnografar os itinerários de gênero e de sexualidade empreendidos pelas mulheres de um filme” (Balestrin, 2011, p. 41).

Ao longo do trabalho, a autora relata que realizou diferentes imersões no campo – do início ao final da escrita –, pois cada vez que retornava a ele, “via novos elementos, pensava em outras direções e, por vezes, mudava alguns detalhes que certamente fizeram e fazem diferença neste trabalho” (Balestrin, 2011, p. 38). A autora ainda destaca que a produção de dados foi realizada a partir da escrita de um caderno de campo composto por diferentes colunas com descrição do que via, do que escutava, das impressões que tinha e das teorias que conseguia mobilizar em cada cena, entre outras questões (Balestrin, 2011).

A tese de Éderson da Cruz (2019) propõe analisar de que modos gênero, articulado à sexualidade, atravessa e constitui a docência no âmbito do filme francês *Entre os muros*



da escola, dirigido por Laurent Cantet (2008). Para construir sua pesquisa, o autor utiliza a metodologia da etnografia de tela, mobilizando os conceitos-ferramentas gênero e docência a partir da perspectiva pós-estruturalista. Em seu processo metodológico, o autor primeiramente realiza uma análise da capa do filme, com o intuito de verificar e descrever quais possíveis sentidos os aspectos verbais e não verbais provocam nos telespectadores; após, realiza uma análise dos comentários críticos publicados no *Google* sobre o filme e, a partir disso, realiza sua imersão etnográfica. Esta exigiu do pesquisador repetidas visualizações, às vezes pausadas, e a transcrição das cenas em um diário de campo, seguido de tabulações dos excertos selecionados.

Para Cruz (2019), esse exercício etnográfico, que demandou mais de uma hora para cada dez minutos de filme, exerceu sobre ele uma espécie de influência semelhante a uma participação dentro do cenário do filme, característica da metodologia de etnografia de tela, na qual o pesquisador faz algo com o filme e, ao mesmo tempo, o filme faz algo com o pesquisador.

A obra *O corpo híbrido de Malévola como constituinte de identidades em trânsito*, de Olívia Tavares (2020), foi resultado da sua dissertação de mestrado. Os Estudos de Gênero e os Estudos Culturais na perspectiva pós-estruturalista são os óculos através dos quais Tavares desenvolve a sua pesquisa. Os seus objetivos foram analisar as feminilidades representadas no filme *Malévola* (2014) e a forma como os pressupostos feministas estavam articulados à releitura dessas feminilidades, “evidenciando elementos que estão ali presentes e dando a ver brechas, conflitualidades, atualizações e reconfigurações” (Tavares, 2020, p. 14).

A pesquisadora mobiliza a etnografia de tela em articulação com a análise cultural, para produzir o seu material empírico, através da desmontagem de partes do filme, para assim “vislumbrar elementos que o compõe, as regularidades, o estilo, as marcas da produção midiática, dentre outros aspectos.” (Tavares, 2020, p. 49). A autora ainda ressalta que o trabalho com imagens em movimento, a partir deste procedimento metodológico, envolve mais do que somente assistir ao filme, mas surpreender-se com o não previsto e com o que não é percebido por qualquer espectador.

Ao analisarmos esses trabalhos e ao colocá-los em relação às nossas experiências de pesquisa, entendemos que cada pesquisadora ou pesquisador, ao proceder com uma etnografia de tela, irá assumir um tom autoral, um caminho e um modo de fazer que é particular. Esse fenômeno é intrínseco ao fazer pesquisa, e de modo importante às pesquisas pós-estruturalistas que utilizam a etnografia de tela, pois esta perspectiva nos





ajuda a compreender que “um processo de pesquisa inicia com a concepção de uma ideia e sua transformação em um problema. A eleição de um ou outro princípio (con)formará o processo teórico-metodológico” (Dal’Igna, 2021, p. 202).

No interior do grupo de pesquisa Lola, o projeto “Trabalho docente nas tecnologias visuais: uma pesquisa-formação no contexto da Educação 4.0 e da pandemia” (Dal’Igna, 2021)<sup>6</sup> procura analisar como o trabalho docente tem sido veiculado nas tecnologias visuais, por meio de grupos focais com professoras e professores da Educação Básica e com alunas e alunos de licenciaturas. Esse projeto ajuda a sustentar as teses de Carvalho (2025) e Leal (2025), visto que, por mais que não tomem a etnografia de tela como metodologia, há um olhar de pesquisadoras que passa a ser qualificado ao imergir neste estudo com artefatos da cultura e no trabalho com as tecnologias visuais.

A tese intitulada *Trabalho docente e gênero: olhares sobre a série Rita* (Carvalho, 2025) tem como objetivo conhecer e examinar quais sentidos sobre trabalho docente e gênero podem ser produzidos e veiculados na série dinamarquesa *Rita* (disponível na Netflix, por *streaming*). A etnografia de tela, a partir das contínuas imersões no campo e dos diferentes movimentos realizados com o – e a partir do – olhar, possibilita a produção de perguntas e a construção do material empírico da tese. Esses passos, que detalharemos na próxima seção, e os conceitos-ferramenta trabalho docente e gênero mobilizam a autora na construção da compreensão de que há um modo de ser docente presente em *Rita* que pode ser tomado na perspectiva da generificação da docência.

A tese intitulada *O aluno pode desistir da escola, mas eu não desisto dele: problematizações sobre trabalho docente e EJA na série Segunda Chamada* (Leal, 2025) tem como objetivo investigar os sentidos sobre trabalho docente e educação de jovens e adultos veiculados e produzidos na série, bem como conhecer e problematizar os sentidos que podem ser construídos a partir da personagem professora Lúcia. O procedimento teórico-metodológico é a etnografia de tela, através do qual a autora realiza uma imersão intencionada na série, registros em um diário de campo, bem como a decupagem de excertos que são analisados em articulação com as ferramentas teóricas: docência, cultura e linguagem. Este movimento possibilita à autora sustentar que há um modo de ser docente na EJA presente na série, que mobiliza sentidos de compaixão à frente do trabalho pedagógico.

<sup>6</sup> Este projeto foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), entre 2021 e 2023.



Portanto, a partir de uma agenda de pesquisa mais ampla e de um repertório teórico-metodológico, mobilizados dentro e fora do grupo de pesquisa Lola, foi possível construir pesquisas autorais reconhecendo a potência das novas paisagens culturais para pensar a Educação.

Deste modo, na próxima seção apresentaremos os modos pelos quais temos trabalhado com a etnografia de tela, sem a intenção de prescrever uma fórmula, mas com o desejo de descrever as escolhas teórico-metodológicas que realizamos na construção de nossos materiais empíricos.

### EPISÓDIO III: ETNOGRAFIA DE TELA. POSSÍVEIS CAMINHOS

Há um sentido fundamental que precisamos acionar quando nos propomos a mobilizar a metodologia da etnografia de tela: é preciso ver. A obra *Anjo* (s.d.), do esloveno Evgen Bavcar, nos provoca a pensar sobre o que significa ver, na perspectiva que adotamos neste texto. O artista, nascido em 1946, perdeu a visão ainda na infância, após sofrer dois acidentes. Então, para captar a fotografia, Bavcar pediu à sua sobrinha que corresse, balançando um sino, assim ele conseguiria saber onde ela estava e a fotografaria por meio do som (Janela, 2001). Bavcar produziu uma imagem — sem poder enxergar com os olhos — na qual podemos olhar muitas coisas, inclusive o movimento produzido pela ação de a menina tocar o sino, ainda que este não esteja visível. É curioso pensar que uma das coisas que não conseguimos enxergar na fotografia, é justamente o que Bavcar usa para reproduzi-la. A partir do sino, o fotógrafo produz a *fotografia do invisível*, como ficou conhecida.

Para o cineasta, dramaturgo e fotógrafo alemão Wim Wenders, não vemos exclusivamente com os olhos, mas com os outros sentidos. O escritor português José Saramago pondera que, para conhecermos as coisas, é preciso dar a volta nelas, é preciso vê-las em cada um de seus cantos. Agnès Varda, cineasta e fotógrafa belga, afirma que a visão não somente é alterada por uma doença ou por uma cegueira, mas pelos sentimentos e pela relação que estabelecemos com o que produzimos (Janela, 2001).

Em 2018, a cineasta Agnès Varda e o artista JR se encontram para a produção do documentário *Visages Villages (2017)* – traduzido como *Olhares, lugares*, em português de Portugal –, que objetiva fotografar pessoas em pequenas cidades no interior da França e expor essas imagens em lugares públicos. Varda, no momento da filmagem, já convivia com uma condição de saúde que a deixava com a visão embaçada, o que demandava exames e injeções oculares periódicas. JR, por sua vez, é um artista francês conhecido por



aparecer publicamente sempre com óculos escuros e um chapéu.

No decorrer do longa-metragem, a cineasta pede para enxergar os olhos do artista, que desconversa. Nos últimos minutos da produção, ambos estão sentados em frente a um lago conversando, quando JR surpreende Agnès e retira os óculos. A câmera filma JR de frente, mas vemos a imagem embaçada, como se estivéssemos enxergando através dos olhos de Agnès. Ela agradece ao parceiro de filmagem, que responde: “não sabia que os seus olhos eram tão claros”. Agnès responde: “eu não te vejo muito bem. Mas eu te vejo”.

Ver é, para quem faz etnografia de tela, fundamental. Mas não basta ver: é preciso disponibilizar-se a ver. E para disponibilizar-se é necessária uma *educação do olhar* (Marcello; Fischer, 2011), no sentido de que o trabalho com a tela não pressupõe uma busca pela verdade ou ainda pela comprovação da veracidade do que está sendo exposto, mas refere-se à multiplicação de olhares que as imagens nos possibilitam (Marcello; Fischer, 2011, p. 513). A partir das teorias que mobilizamos, o nosso olhar poderá identificar e descrever algumas coisas e não outras.

É desta forma que “entramos em campo” para realizar nossos registros, descrições, análises e problematizações na direção de produzirmos um estudo de inspiração antropológica, que nos convida a olhar a tela de diferentes formas: a retirar os óculos, a colocar os óculos; a afastar o olhar, a aproximar o olhar; às vezes, vemos as coisas de forma embaçada, então, precisamos “descansar” o olhar e retornar à tela em outro momento; a nos colocarmos como espectadora, como produtora, como câmera (Fabris, 2008).

Considerando que há diferentes formas de trabalhar com uma imagem em movimento, importa salientar que adotamos aqui uma perspectiva do olhar não de estudiosas de cinema, mas sim de pesquisadoras em Educação, que tomam as imagens como potentes empirias para as análises que desenvolvem em suas pesquisas. Fazemos isso inspiradas em Balestrin (2011) e Balestrin e Soares (2012), que sustentam que a etnografia de tela exige a compreensão de que o que “vemos na tela é tão real quanto o que está fora da tela” (Balestrin; Soares, 2021, p. 91).

O trabalho com imagens em movimento não é estático, ele acontece na relação que estabelecemos com a tela e ela conosco, transformando quem se propõe a analisá-la, na direção que além do olhar que lançamos sobre a tela, precisamos assumir que também somos olhadas por ela (Balestrin, 2011) e que “o próprio ato de olhar transforma quem vê e o que vê” (Balestrin; Soares, 2021, p. 91).



Nesses diferentes movimentos que realizamos através do olhar e com o olhar, cada pesquisadora e pesquisador elabora um percurso autoral na construção da sua empiria com a etnografia de tela. Nessa direção, levando em consideração que uma metodologia é também produzida ao longo da própria imersão das pesquisadoras e dos pesquisadores no campo (Meyer; Paraíso, 2021), passamos a descrever como mobilizamos a etnografia de tela em nossas pesquisas e nossos modos de olhar, e a descrever e analisar as cenas selecionadas, um exercício intrinsecamente articulado com nossos conceitos-ferramentas.

Antes de iniciar o longo período de contato com o campo, é importante um preparo para a imersão. Assim, em nossas pesquisas realizamos uma espécie de pré-campo em um diário de campo físico. As páginas do caderno são divididas por temporadas e por capítulos – uma vez que os nossos trabalhos têm como empiria séries de *streaming* e/ou de televisão. No início da página, escrevemos o número da temporada, do episódio e o seu título e, logo abaixo, transcrevemos o resumo disponível na plataforma. Os títulos e os resumos são potentes para pensar as análises, visto que anunciam ao público determinados sentidos que circulam na (e sobre a) série e/ou filme.

Após esses primeiros registros, iniciamos um longo período de contato com o campo, que inclui diferentes formas de observar o artefato cultural – desde assistir aos episódios sem realizar anotações até iniciar os registros em um diário de campo. É importante que cada pesquisadora e pesquisador possa testar qual é a melhor forma de estabelecer o longo contato com o campo.

As primeiras anotações mais sistematizadas já incluem algumas perguntas e relações com conceitos que nos ajudam a pensar sobre as cenas e/ou trechos, o que pode ser compreendido como um primeiro movimento analítico. E parece que aqui fica explicitada uma das potências da etnografia de tela: descrever aspectos que pareçam potentes para serem aprofundados futuramente já é, de certa forma, iniciar as análises. Importa salientar que, neste ponto, nos aproximamos do campo – assistimos à série como etnógrafas e etnógrafos da tela – pela primeira vez. Um dos passos fundamentais para a construção do material empírico são essas diferentes aproximações e imersões no campo. Dizendo de outro modo, esse passo será (re)feito diversas vezes.

Ao final de cada temporada assistida, iniciam-se os movimentos de (re)agrupamentos entre os episódios e as cenas sobre as quais o nosso olhar é capaz de perceber aproximações e/ou distanciamentos, ensaiando possíveis categorias analíticas. Em outras palavras, realizamos um mapeamento inicial das cenas que poderiam ser analisadas de forma mais aprofundada posteriormente. Esses movimentos experimentais



com as cenas são fundamentais para definir quais delas serão reassistidas e, posteriormente, quais serão analisadas.

[...] buscamos operar com a decomposição para desmontar aquilo que foi identificado, reunido e agrupado. Trabalhamos com a desmontagem para decompor o que foi atualizado e fixado. Operamos com a remontagem para fabricar outros sentidos e com a recomposição para encontrar virtuais. Em síntese: operamos com a multiplicação para fazer o 'e' da multiplicidade funcionar; para produzir e estimular a diferença e a invenção de outros significados e/ou de outras imagens de pensamento para a educação (Paraíso, 2021, p. 34).

Em nossas pesquisas, reassistimos cada um dos trechos pré-selecionados diversas vezes e de diferentes formas, tentando duvidar dos sentidos que pensávamos estar atribuindo ao assistir as séries. Inicialmente, apenas observando atentamente aquilo que escutamos e o que enxergamos nas tomadas: os diálogos, a iluminação, os movimentos de câmera, os planos, os cenários, a trilha sonora, a apresentação das personagens, entre outros aspectos.

A partir desse ponto, faz-se importante reler as anotações realizadas previamente no diário de campo para que seja possível realizar os primeiros movimentos analíticos mais profundos. A ideia dessa etapa é mobilizar cada um dos conceitos-ferramentas ao longo das cenas, afinal, eles são o enquadramento através do qual se produzem as nossas análises.

Ao iniciar a decupagem das cenas, descrevemos o que somos capazes de ver e ouvir detalhadamente em cada trecho escolhido. A seguir, apresentamos um trecho da decupagem de uma cena da série *Rita*<sup>7</sup>:

**O que se vê e o que se ouve:** os olhos de Rita aparecem através do aquário, na cozinha da casa de Mads. O olhar da professora acompanha os peixes. Ao fundo, na sala, a câmera filma Mads acariciando a mãe, como quem a consola. A imagem volta à Rita, que está percorrendo a cozinha de Mads com o seu olhar. A professora abre um armário da cozinha e olha para o jovem e para a mãe rapidamente. Os próximos takes são feitos por meio dos olhos de Rita, que veem alguns medicamentos (separados por dia) em cima da bancada e que observam o interior da geladeira praticamente vazio. Rita se vira para a janela e olha para o horizonte. A câmera a filma de frente, enquanto caminha em direção à janela, demonstrando preocupação. Enquanto isso, ao fundo da cena, vemos Mads ainda na sala, fechando a cortina. Ele entra na cozinha, fecha a porta e Rita sorri brevemente.

<sup>7</sup> A série *Rita* foi criada em 2012, por Christian Torpe. Composta por 40 episódios, divididos em cinco temporadas, a produção dinamarquesa narra a história da professora Rita Madsen (Mile Dinesen). A protagonista trabalha predominantemente com jovens, o equivalente aos anos finais do ensino fundamental e ao ensino médio brasileiro. Aos 42 anos, é mãe de três filhos: Jeppe, que frequenta a escola em que Rita trabalha, Molly e Ricco. Rita é a chefe da família, responsável pelos cuidados com os filhos e com a casa, e pela sustentabilidade financeira dos quatro.



**Mads:** – *Eu disse para ela se lembrar de tomar... o remédio.* (O jovem fala gaguejando. A câmera está de frente para Mads, enquanto filma parte das costas de Rita, que acena com a cabeça, concordando com o jovem). *Geralmente, ela se lembra. É que, desde que nos mudamos...*

**Rita:** – *O que ela tem?*

**Mads:** – *Ela é bipolar.* (Rita morde os lábios, como quem demonstra preocupação com a resposta do jovem).

Fonte: Cena do segundo episódio da segunda temporada da série *Rita* (00:20:03-00:20:54), transcrita e organizada pelos autores (2023).

A decupagem é, portanto, um momento minucioso, pois envolve a transcrição do que ouvimos e enxergamos em cada tomada, bem como a descrição do que podemos depreender a partir das lentes, através das quais o nosso olhar de pesquisadoras e pesquisadores utiliza para imergir no campo. E, nessa perspectiva, enxergar é movimentar conceitos, é fazer ver a partir de um quadro conceitual que possibilita descrição e problematização do que está em cena.

Quando descrevemos, na decupagem, que *Rita morde os lábios, como quem demonstra preocupação com a resposta do jovem*, não temos certeza da razão pela qual ela morde os lábios, mas, considerando que a etnografia de tela não está empenhada em uma busca pela pretensa verdade, importa registrar essa frase, pois ela demonstra um movimento analítico por parte de quem pesquisa. As lentes através das quais observamos a série *Rita*, são as de trabalho docente e gênero; neste sentido, quando ressaltamos este aspecto na decupagem, escolhemos trabalhar com o que entendemos ser a preocupação da personagem professora. Esse é um aspecto fundamental nesta cena e que nos permite colocar em diálogo *o que se vê, o que se ouve* e as falas das duas personagens. Mads acariciando a mãe ao fundo da cena ou os olhos de Rita buscando conhecer os detalhes da família de seu aluno através dos seus armários e da sua geladeira são exemplos de que há uma preocupação por parte da professora sobre a condição da mãe de seu aluno, perceptível não somente através das perguntas que faz ao menino, mas também através de suas ações dentro da casa de Mads<sup>8</sup>.

Importa, ainda, ressaltar que não se faz decupagem de toda e qualquer cena. Do modo como entendemos a etnografia de tela, sustentamos que é no momento da decupagem que essa metodologia expõe a potência de efetivamente constituir-se, ao mesmo tempo, procedimento metodológico e analítico. Nesse sentido, as análises são aprofundadas a partir da própria decupagem, visto que o vai e vem entre estes dois

<sup>8</sup> Importa salientar que este é apenas um exemplo de recorte analítico que pode ser realizado a partir da cena, neste sentido, a intenção não é a de esgotar os movimentos possíveis do olhar a partir desta cena.





momentos pode qualificar e potencializar um trabalho que aposta na etnografia de tela, ao permitir que a pesquisadora e o pesquisador descrevam o seu material empírico já, de certo modo, analisando-o.

Ao retomar nossos movimentos metodológicos e aqui apresentá-los, reconhecemos que este texto não tem a pretensão de apresentar uma receita, mas a de sugerir possíveis caminhos para quem está trabalhando ou deseja eleger a metodologia da etnografia de tela. A cada pesquisa, o material empírico será produzido na articulação com os conceitos-ferramenta do trabalho, visando responder às perguntas e aos objetivos do estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: ÚLTIMO EPISÓDIO

Neste artigo, buscamos propor uma forma de operar com a metodologia da etnografia de tela, apresentando-a como produtiva para o campo da Educação. Percorremos esse objetivo a partir da apresentação das bases teórico-metodológicas que orientam as nossas pesquisas; de uma revisão de literatura, a fim de descrever como a metodologia tem sido mobilizada na área; e, por fim, da descrição mais detalhada dos modos como temos mobilizado a etnografia de tela em nossas pesquisas.

Destacamos, ao longo deste artigo, a importância de algumas pesquisas que foram produzidas sobre a etnografia de tela até o momento, em especial as de Rial (2005), Balestrin (2011), Cruz (2019) e Tavares (2020). Essas nos ajudam a sustentar e a qualificar os nossos olhares de pesquisadoras no trabalho com a metodologia, a partir dos diferentes movimentos que realizamos no campo – imersão, decupagem, registros, análises e problematizações.

Apostamos na potência da etnografia de tela nos estudos em Educação, no sentido em que ela nos permite multiplicar os olhares sobre os nossos objetos de pesquisa e sobre nós mesmas, visto que ao observarmos a tela também somos olhadas por ela. Os artefatos culturais na contemporaneidade, quando tomados como empiria, podem nos auxiliar na “criação de instantes de suspensão dos sentidos já criados e a abertura de possibilidades de sua resignificação” (Meyer; Paraíso, 2021, p. 21).

Nessa direção, ao fazermos uso deste procedimento metodológico, temos nos desafiado a reconhecer a sua complexidade, no sentido de que as perguntas e exercícios de pensamento produzidos são provisórios e articulados a uma perspectiva teórica e metodológica rigorosa, mas não estática, que não pretende produzir uma verdade universal, visto que “[...] sabemos, antecipadamente, que o discurso que produzimos com nossas pesquisas é um discurso parcial que foi produzido com base naquilo que conseguimos ver



e significar com as ferramentas teóricas-analíticas-descritivas que escolhemos para operar” (Paraíso, 2021, p. 30).

Desse modo, reforçamos o desejo que empenhamos em não estabelecer fórmulas ou receitas de como operar com a metodologia, mas de inspirar caminhos e possibilidades de trabalho com ela. Neste processo, é importante considerar a subjetividade da própria pesquisadora e do pesquisador e a potência da construção da etnografia de tela ao longo do próprio processo de pesquisa, retomando e reescrevendo, quando necessário, a pergunta e os objetivos da pesquisa. Assim, pelo exposto até aqui, defendemos que há potência nessa metodologia.

## REFERÊNCIAS

BALESTRIN, Patrícia Abel. **O corpo rifado**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/49081>. Acesso em: 13 ago. 2024.

BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. Etnografia de tela: uma proposta metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021. p. 89-111. Disponível em: <https://mazzaedicoes.com.br/project/metodologias-de-pesquisas-pos-criticas-em-educacao/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 06 mar. 2025.

CARVALHO, Patrícia Dyonisio de. **Trabalho docente e gênero**: olhares sobre a série *Rita*. 2025. Tese em fase final de elaboração (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2025.

COLINS, Alfredo; LIMA, Morgana Gama. Etnografia de tela e semiopragmática: um diálogo entre metodologias de análise fílmica. **Avança Cinema Journal**, v. 1, p. 430-437, 2020. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Etnografia-de-tela-e-semiopragm%C3%A1tica%3A-um-di%C3%A1logo-de-Colins-Lima/f0b5315708060adc1be3abd9724db2bac79d5274>. Acesso: 13 nov. 2024.

CRUZ, Éderson da. **Entre os muros da escola**: gênero e docência na constituição de uma pedagogia do afeto. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019. Disponível em: <https://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8684>. Acesso em: 13 out. 2024



DAL'IGNA, Maria Cláudia. Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico-metodológico. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.).

**Metodologias de pesquisas pós- críticas em educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021. p. 197-219. Disponível em:

<https://mazzaedicoes.com.br/project/metodologias-de-pesquisas-pos-criticas-em-educacao/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

ENTRE OS MUROS DA ESCOLA. Direção Laurent Cantet. Produção: Caroline Benjo, Carole Scotta, Barbara Letellier e Simon Arnal-Szlovak, 2008.

FABRIS, Elí Henn. Cinema e educação: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 117-134, jan./jun. 2008. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6690>. Acesso: 13 nov. 2024.

GOMES, Keila Manuelle Alves. **Etnografia de tela**: a representação do racismo estrutural através do filme M8 – Quando a morte socorre a vida e a valorização da Lei N° 10.639/2003. 2021. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Artes Visuais) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível em:

<https://repository.ufrpe.br/handle/123456789/3560>. Acesso em: 13 set. 2024.

CRISÓSTOMO, Rafael. Janela da Alma. YouTube, 14 de mar. de 2014. 73min. Disponível em: [http://youtube.com/watch?v=\\_I9I7upG0DI](http://youtube.com/watch?v=_I9I7upG0DI). Acesso em: 20 jun. 2024.

LEAL, Rayane Ancelmo. **O aluno pode desistir da escola, mas eu não desisto dele**: problematizações sobre trabalho docente e EJA na série *Segunda Chamada*. Tese em fase final de elaboração (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2025.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever. **Educação, Sociedade e Culturas**, Porto, n. 25, p. 235-245, 2007.

M8 - QUANDO A MORTE SOCORRE A VIDA. Direção: Jeferson De. Produção: Iafa Britz, Carolina Castro, 2019.

MÃE, Valter Hugo. **As mais belas coisas do mundo**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019.

MALÉVOLA. Direção: Robert Stromberg. Produção: Walt Disney Pictures, Roth/Kirschenbaum Films, Roth Films, 2014.

MARCELLO, Fabiana de Amorim; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Tópicos para pensar a pesquisa em cinema e educação. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 505-519, maio/ago. 2011. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/16944>. Acesso em: 20 jun. 2024.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de pesquisas pós- críticas em educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021. p. 15-22. Disponível em: <https://mazzaedicoes.com.br/project/metodologias-de-pesquisas-pos-criticas-em-educacao/>



[educacao/](#). Acesso em: 15 ago. 2024.

MIGNONNES. Direção: Maimouna Doucouré. Produção: Zangro, 2020.

O SONHO DE WADJDA. Direção: Haifaa al-Mansour. Produção: Gerhard Meixner, Roman Paul, Amr Alkahtani, 2012.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021. p. 23-45. Disponível em: <https://mazzaedicoes.com.br/project/metodologias-de-pesquisas-pos-criticas-em-educacao/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

PAULINO, Alessandro; ALVARENGA, Carolina; RIBEIRO, Cláudia. Projeto Flórida: (im)possibilidades para o devir-criança. **Textura - Revista de Educação e Letras – Ulbra**, v. 25, p. 163-180, 2023. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/issue/view/377>. Acesso: 13 nov. 2024.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PROJETO FLÓRIDA. Direção: Sean S. Baker. Produção: Cinereach, Freestyle Picture Company, June Pictures, 2017.

RIAL, Carmen Silvia. Mídia e sexualidade: breve panorama dos estudos de mídia. In: GROSSI, Miriam Pillar; BECKER, Simone; LOSSO, Juliana Cavilha Mendes; PORTO, Rozeli Maria; MÜLLER, Rita de Cássia Flores. **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 107-136. Disponível em: <https://navi.ufsc.br/files/2017/11/m%c3%8ddia-e-sexualidades-breve-panorama-dos-estudos-de-m%c3%8ddia.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SANTOS, Sandro; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Socialização e hibridismo cultural de meninas: uma etnografia de tela sobre o filme Mignonnes. **Visualidades**, Goiânia, v. 21, 2023. Doi: 10.5216/v.v21.72313. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/72313>. Acesso em: 13 nov. 2024.

TAVARES, Olívia. **O corpo híbrido de Malévola como constituinte de identidades em trânsito**. Jundiá: Paço Editorial, 2020.

VASCONCELOS, Michele de Freitas Faria de; MELO, Marcos Ribeiro de; OLIVEIRA, Roselusia Teresa de Moraes. Imagens, narrativas, culturas infantis em “Abril despedaçado”: tateando um modo de olhar. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 21, p. 67-76, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/6333>. Acesso em: 13 nov. 2024.

VASCONCELOS, Michele de Freitas Faria de; PRATES, Rui Benevides; MELO, Marcos Ribeiro de. Infância, cinema, lirismo: a poética do sonho de Wadjda. **Revista Momento – Diálogos Em Educação**, v. 28, n. 3, p. 26-46, 2019. Disponível: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8393>. Acesso em: 15 ago. 2024.

VISAGES VILLAGES. Direção: Agnès Varda e JR. Produção: Rosalie Varda, 2017. 1 vídeo (89 min).



XAVIER FILHA, Constantina; NASCIMENTO, Vitória Nobica Marques do. Feminilidades e masculinidades na primeira temporada da série animada *Steven Universo*. **Revista Debates Insubmissos**, v. 1, n. 1, p. 211-236, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/debatesinsubmissos/article/view/236384>. Acesso em: 15 nov. 2024.

**Artigo recebido em:** 02 de janeiro de 2025

**Aceito para publicação em:** 30 de fevereiro de 2025

**Manuscript received on:** January 02<sup>nd</sup>, 2025

**Accepted for publication on:** February 30<sup>th</sup>, 2025

Endereço para contato: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação/FACED, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus Universitário, Manaus, CEP: 69067-005, Manaus/AM, Brasil

